

---

## Mais do que uma questão cultural: o desprestígio acadêmico das histórias em quadrinhos como consequência do repúdio à cultura de massa<sup>1</sup>

Beatriz Sequeira de CARVALHO<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

O presente artigo busca demonstrar como a atmosfera anticultura de massa, que se desenvolve especialmente nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, acabou levando ao desprestígio não só cultural como também acadêmico das histórias em quadrinhos, deixando-as no limbo dos objetos de estudo considerados como relevantes, sofrendo com o preconceito e o repúdio por parte dos intelectuais. Para tal, retomaremos as noções fundamentais sobre cultura de massa e histórias em quadrinhos para explicar a rejeição ao meio. Além disso, a noção de que os campos científicos são regidos pela hierarquia dos objetos legítimos, como colocado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, também ajudará a entender tal rejeição.

**PALAVRAS-CHAVE:** história em quadrinhos; cultura de massa; legitimação acadêmica; campo científico.

José Marques de Melo, um dos maiores nomes dos estudos em comunicação do país, coordenou, em 1967, a primeira pesquisa sobre histórias em quadrinhos do Brasil. À época, a escolha do tema sofreu grande rejeição, repercutindo mal na academia, levantando o questionamento: “Mas histórias em quadrinhos? Só tem porcaria...”<sup>3</sup>. Entretanto, José Marques de Melo não se abalou e continuou com as suas pesquisas sobre os meios de comunicação de massa, fundando cursos importantes e ajudando a cimentar o campo acadêmico em comunicação no país, tornando-se um dos grandes nomes da pesquisa do jornalismo na América Latina, sendo prestigiado nacional e internacionalmente.

A coragem de José Marques de Melo, e de tantos outros pesquisadores e intelectuais de diferentes países, abriu as portas da pesquisa em quadrinhos dentro das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, e-mail: [beatriz.sequeira@usp.br](mailto:beatriz.sequeira@usp.br).

<sup>3</sup> <http://oxisdaquestao.provisorio.ws/wp-content/uploads/2016/05/Escolhas-e-pecursos-de-Jos%C3%A9-Marques-de-Melo.pdf>. Acesso em 15 jun. 2018.

---

universidades. Entretanto, o julgamento pejorativo contra o meio, aqui e no resto do mundo, estava longe de acabar. Nos anos seguintes, os quadrinhos permaneceram no limbo dos objetos de estudo considerados como relevantes, sofrendo com o preconceito e o repúdio por parte dos acadêmicos. Entretanto, essa rejeição aos quadrinhos não se estabelece unicamente no meio universitário; na realidade, tal rejeição se configuraria como uma consequência da negação do meio como um objeto culturalmente valorizado (CARVALHO, 2017) devido à sua característica fundamental de cultura de massa.

As raízes e forma de difusão popular dos quadrinhos explicariam a rejeição tanto no espectro cultural, quanto no acadêmico. No contexto estadunidense do final do século XIX, sua origem como um meio de comunicação está atrelada às empresas jornalísticas que, com o intuito de aumentar a circulação de seus jornais, iniciam a publicação deste tipo de conteúdo. Como sempre procurou atingir o maior número de pessoas possível, exigindo de seus criadores os mais modernos processos de impressão gráfica (LUYTEN, 1987), atribui-se às histórias em quadrinhos sua principal característica: a de cultura de massa. (CARVALHO, 2017, p. 25)

Assim, mesmo quando lembramos, como afirmou Sonia Lutyten, que os quadrinhos “ultrapassaram a condição de instrumento de consumo para tornarem-se símbolo da civilização contemporânea” (LUYTEN, 1987, p. 09), garantindo sua presença e onipresença no meio social, político e cultural há mais de um século, eles foram, por décadas, ignorados como uma forma digna de discussão acadêmica. Isso se deu, pois as histórias em quadrinhos foram transformadas no perfeito bode expiatório dos críticos da cultura de massa, que insistiam em separar a “alta” e a “baixa” cultura, simplesmente desconsiderando os quadrinhos como um produto cultural de valor. (CARVALHO, 2017)

Por isso, por mais que tenham marcado profundamente a sociedade ao longo de todo o século XX, ao trazerem à tona temas importantes como a guerra, o preconceito, as lutas sociais e tantos outros, os quadrinhos sofreram, e ainda sofrem, com o desprestígio por parte de intelectuais e educadores. Esta condição de “subproduto da cultura” (CARVALHO, 2017, p. 25) que foi atribuída aos quadrinhos, especialmente por sua configuração industrial que envolve interesses econômicos e, em consequência, comprometeria sua posição dentro do campo cultural, tem como consequência o desprestígio acadêmico. Por isso, para entender tal desprestígio, antes se faz necessário

---

aprofundar a relação entre histórias em quadrinhos e cultura de massa, assim como suas consequências.

### **Sobre a cultura de massa**

Segundo Edgar Morin (2011), a cultura de massa pode ser definida como aquela produzida segundo “as normas maciças de fabricação industrial; propagada pelas técnicas de difusão maciças [...] destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, família, etc.)” (MORIN, 2011, p. 04). Com o maior e mais acelerado desenvolvimento de técnicas e tecnologias, atinge seu auge no século XX, trazendo consigo a possibilidade do rompimento das barreiras que demarcavam o acesso à cultura de acordo com a classe social e o nível de educação. Por mais que essas demarcações jamais tenham sido completamente abolidas, novas foram criadas e diferentes setores conseguiram determinar seus próprios públicos. Dessa forma, o dinamismo inerente à cultura de massa foi mantido: ainda na primeira metade do século XX surge um novo tipo de imprensa, de cinema e de rádio cuja característica principal é a de se dirigir a todos. (MORIN, 2011, p. 04).

Entretanto, levando-se em consideração que a cultura, ao longo do tempo, se configurou como um fato aristocrático, de acesso limitado e possível apenas a uma pequena elite (CARVALHO, 2017, p. 32), a mera menção de uma cultura que é partilhada, elaborada e adaptada a todos, provocou um sentimento de desespero nas classes dominantes, que se viram sem saída a não ser buscar, com todo afincado, execrar e diminuir não só os produtos advindos da cultura de massa, como também abominar o seu consumo. Para essa mesma elite, a cultura de massa acabou significando uma “anticultura” (ECO, 2008, p. 08), o sinal de uma queda de valores e crenças que seria irreversível.

A cultura de massa acabou - mesmo com as ressalvas e críticas às deficiências e desigualdades do sistema - democratizando o consumo a partir da formação e do desenvolvimento de outro público, o público trabalhador, levando a uma progressão de valores distintos dos compartilhados dentro da sociedade com classes estratificadas. A nova cultura acabou se transformando no que Morin (2011, p. 33) vai chamar de um “lugar comum”, ou seja, um instrumento de comunicação entre as diferentes classes. Por isso, se a cultura sempre foi propriedade de uma elite, assim que ela se espalhou

---

houve à possibilidade, segundo Umberto Eco (2008), do acesso das classes ditas subalternas ao controle da vida associada, e o modelo cultural que prevalecia até então entrou em crise.

Estas críticas acabam ganhando força porque os críticos da cultura de massa tinham um sentimento de nostalgia de uma época em que os valores da cultura eram atributo de uma classe, e não a disposição de todos. Essa nova formatação dada à sociedade e o novo papel das multidões dentro dela gerou o pânico e o desprezo das minorias aristocráticas. A sociedade, então, se viu afetada por movimentos de massa que, para essas elites, colocavam em risco os “pilares da civilização”. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 53) Desse modo, a desconfiança em relação à cultura de massa representava, para os radicais norte-americanos, uma forma de poder intelectual que levaria o homem a uma sujeição, criando espaço propício para o autoritarismo. Segundo Bart Beaty (2005), a origem e disseminação dessa crítica dominante dos efeitos da mídia e da cultura de massa na primeira metade do século XX se dão pela atmosfera intelectual da época.

A perspectiva cultural dos Estados Unidos na primeira metade do século XX tinha como tendência comparar o gosto das diferentes audiências umas com as outras. Enquanto se elevava a chamada “alta cultura”, produzida por e para a elite, difamavam-se as escolhas culturais da maioria do público. Dessa forma, a crítica à cultura de massa baseava-se em um leque de forças que criou relações entre arte e política (BEATY, 2005, p. 48), convergindo em uma abordagem bastante conservadora e elitista da cultura e da mídia, que enxergava os receptores apenas como passivos.

Esta minoria dominante acreditava que a ascensão do homem de massa aos bens culturais condenaria a arte e que a cultura de massa, por definição, é ruim, falsa e medíocre (NYE, 1987, p. 417). Para os críticos mais ferrenhos – como José Ortega Y Gasset, Dwight Macdonald, Bernard Rosenberg, e até mesmo Theodor Adorno e seu conceito de *indústria cultural* (CARVALHO, 2017) – o único jeito de conservar a alta cultura era reestabelecendo as barreiras entre as classes que haviam sido quebradas, trazendo a arte para o controle da aristocracia e longe da intromissão popular.

É por isso, então, que as críticas à cultura de massa têm uma raiz aristocrática: é desprezo que apenas parece voltar-se à cultura de massa, mas que na verdade se dirige contra as massas (ECO, 2008, p. 36); o desprezo pela cultura de massa se dá porque ela é considerada apenas como uma mercadoria cultural feia, ordinária e sem valor cultural

ou intelectual, levando a uma resistência geral da dita “classe intelectual” ou “cultivada” (MORIN, 2011, p. 07). E as histórias em quadrinhos, enquanto cultura de massa, também sofreram com esse desprestígio.

### **A deslegitimação cultural e acadêmica dos quadrinhos**

Sergundo Bart Beaty (2012), os quadrinhos começam a ganhar força e a se proliferar na primeira metade do século XX, exatamente no mesmo período em que ocorre o desenvolvimento e espraiamento destas teorias execratórias da cultura de massa. Antes da chegada da televisão na segunda metade do século, seguida pelos videogames e pela internet nas décadas seguintes, os quadrinhos acabaram servindo como um modelo perfeito para demonstrar os efeitos nocivos da cultura de massa na sociedade em geral, e nas crianças e adolescentes em particular.

Dentro desse contexto, segundo Carvalho (2017) o não-valor ou baixo valor cultural relacionados às histórias em quadrinhos podem ser explicados pela influência desses estudos críticos à cultura de massa. Estes estudos, somados com a ideia de que as histórias em quadrinhos eram voltadas e lidas apenas pelo público infantil, originou trabalhos que afirmavam que elas teriam uma influência nefasta na formação de crianças e adolescentes. Talvez o caso mais famoso que envolve essa controvérsia seja a guerra travada contra os quadrinhos liderada pelo psiquiatra Fredric Wertham nas décadas de 1940 e 1950 nos Estados Unidos, especialmente com a publicação do livro *A Sedução do Inocente*. (CARVALHO, 2017, p. 67)

Na crítica do Dr. Wertham, os quadrinhos não possuíam a seriedade artística das grandes obras: por sua onipresença derivada de sua produção em massa, por seu conteúdo sexual e violento, eles seriam um dos principais fatores do definhamento da sociedade civil norte-americana. (CARVALHO, 2017, p. 67) Em suma, como coloca Beaty (2012), o uso da retórica da cultura de massa por Wertham revela que os quadrinhos eram vistos não só como infantis, mas também como massificados.

A missão de Wertham surtiu tal efeito que a sociedade norte-americana aderiu fortemente aos seus pressupostos, causando prejuízos que foram desde a queda nas vendas dos quadrinhos, até estragos no espaço criativo do período pós-guerra (BAHIA, 2012, p. 342). Inclusive, Beaty (2012) reafirma que os estudos de Wertham estavam diretamente ligados à atmosfera anti-cultura de massas da época, enquanto Marcio

Bahia (2012) reforça essa ideia ao lembrar que Amy Kiste Nyberg (*apud* BAHIA, 2012, p. 342), no livro *Seal of Approval*, afirma que Wertham compartilhava das preocupações e conhecia as teorias sobre a cultura de massa difundidas pela Escola de Frankfurt na década de 1930.

Para Iuri Reblin (2015), mesmo que Wertham tenha falecido desacreditado pelos pesquisadores de quadrinhos, e mesmo afirmando, ao final de sua vida, que as histórias em quadrinhos podiam conter algo de construtivo, os argumentos proferidos por ele à época e a linha discursiva utilizada perduraram por muito tempo. Aliás, Reblin assevera que resquícios de suas ideias ainda podem ser percebidos quando se vai falar de histórias em quadrinhos, não apenas na academia, como também em outros espaços de ensino e na vida cotidiana. No final das contas, Wertham e sua obra acabaram por desencadear uma percepção ambígua das histórias em quadrinhos, ao mesmo tempo em que houve o processo contrário: muitos críticos e estudiosos passaram a questionar os argumentos do psiquiatra:

Assim, se, por um lado, essa percepção sustentou fortes críticas às histórias em quadrinhos por um longo tempo, por outro lado, ela também estimulou o desenvolvimento de abordagens criativas e diferenciadas do estudo da cultura, bem como uma relativização quase total do pensamento de Wertham [...] (REBLIN, 2015, p. 44)

Entretanto, a campanha difamatória contra os quadrinhos não pode ser atribuída exclusivamente à Wertham e seu *A Sedução do Inocente*; ela é também decorrente de um contexto: o período pós Segunda Guerra (REBLIN, 2015, p. 45). Nesse período, houve, além do aumento da delinquência juvenil, uma histeria anticomunista que se alastrou não só pelos Estados Unidos, como também pelo resto do mundo, atingindo basicamente todas as formas de arte. Isso ocorreu devido a uma corrente comunista difundida pelo Partido Comunista dos EUA que, mesmo perdendo força, influenciou grande parcela da população e reverberou na Indústria do Entretenimento. Isso, porque muitos artistas, intelectuais e funcionários públicos simpatizavam com os ideais comunistas.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e começo da Guerra Fria, o objetivo era limpar a influência da antiga União Soviética nos Estados Unidos, o que levou a intervenções armadas e à comissão do Senado chefiada por Joseph McCarthy, em 1954. Tal histeria anticomunista arruinou a carreira de muitos artistas, intelectuais e

---

funcionários públicos estadunidenses. Reblin (2015, p. 46) cita Álvaro de Moya, que testemunha que todo esse processo levou ao afastamento de muitos quadrinistas de sua arte em um período em que as pessoas não aceitavam essa forma de arte, considerada por muitos como prejudicial para as crianças. Por isso, dentro da comissão do Senado, um comitê para discutir o problema da delinquência juvenil foi criado a fim de debater o papel dos quadrinhos naquele contexto.

Segundo Duncan e Smith (2009), isso ocorreu porque ainda na década de 1940, os quadrinhos criminais começaram a ganhar espaço e, conseqüentemente, todos passaram a falar deles. Em julho de 1948, um simpósio médico presidido pelo Dr. Wertham resolveu discutir sobre a psicopatologia destes quadrinhos, debatendo sobre a regularização ou conseqüente banimento das histórias em quadrinhos para que o crime não atingisse suas comunidades. Em resposta, algumas editoras criaram a *Association of Comic Magazines Publishers* (ACMP) naquele mesmo mês. Criaram, desta forma, um código de comportamento padrão e um selo para ser colocado nas capas dos livros.

Entretanto, a maioria das editoras se recusou a seguir tais códigos, pois sua preocupação com a revolta de uma parte da população era menor do que o crescimento do negócio, e logo o selo foi esquecido. Contudo, a imprensa não deixou barato e um comitê de avaliação das histórias em quadrinhos publicou, em uma revista considerada de “família”, um estudo que revelou que 70% das histórias em quadrinhos possuía conteúdo impróprio e nocivo. (DUNCAN; SMITH, 2009, p. 38) Com tudo isso, somado à publicação de *A Sedução do Inocente* e a comissão do Senado em 1954, a aceitação aos quadrinhos ia de mal a pior.

Para o comitê sobre quadrinhos, foram chamados Wertham e William Ganes, o herdeiro da *Entertaining Comic*, editora voltada para a publicação de quadrinhos de crimes e terror, com narrativas fantasiosas, violentas e aterrorizantes. Mesmo com muitos dos profissionais da indústria admitindo que de fato o conteúdo de algumas de suas histórias eram demasiado pesadas e que deveriam torná-las mais adequadas ao público infantil, Ganes não concordou com tal resolução e defendeu seu negócio. O comitê concluiu, portanto, que os jovens estavam expostos ao crime, violência e terror, e que aquilo precisava parar. Assim, segundo Duncan e Smith, “embora a maioria dos pais não tenha lido o livro pedante de Wertham ou assistido às audiências chatas, dificilmente poderia se evitar a mensagem básica que passou pelos meios de



---

comunicação de massa: as histórias em quadrinhos são ruins para as crianças.”<sup>4</sup>  
(DUNCAN; SMITH, 2009, p. 39, tradução nossa.)

Como consequência, as editoras criaram uma regulação própria, o *Comics Code Authority*, em outubro de 1954. Desta vez, a maioria das editoras resolveu fazer parte da associação. O código era regido da seguinte maneira: cenas de terror, com violência gráfica extrema, crime, sexo e depravação não eram permitidas. Além disso, as capas e títulos das histórias não podiam conter as palavras “horror” ou “terror”. O resultado de tamanha perseguição aos quadrinhos por parte de Wertham, do senado norte-americano e dos intelectuais anticultura de massa foi tamanha que a indústria começou um processo de queda muito grande na segunda metade da década de 1950. Juntamente com a concorrência gerada pela chegada e popularização da televisão e da instabilidade normal de qualquer negócio, o mercado dos quadrinhos estava, definitivamente, em risco. Essa reviravolta que aconteceu na época mudou completamente a indústria dos quadrinhos e teve como consequência o abalo emocional e financeiro de muitos quadrinistas da época. Duncan e Smith lembram que

O criador de quadrinhos estava dolorosamente ciente da publicidade negativa gerada pela cruzada de Wertham e pelas audiências do Subcomitê do Senado. Carmine Infantino falou por muitos dos quadrinistas da época quando disse: "Nós tínhamos vergonha de dizer às pessoas o que fazíamos para viver". John Romita disse às pessoas que ele era um ilustrador comercial, e Stan Lee preferiu apenas dizer que ele era um escritor, mas, quando pressionado sobre o assunto, se referiu a si mesmo como um escritor de livros infantis ilustrados. Alguns dos criadores mais talentosos deixaram o campo, pelo menos por um tempo.<sup>5</sup> (DUNCAN; SMITH, 2009, p. 41, tradução nossa.)

Para Reblin, ao mesmo tempo em que o *Comics Code* empobreceu as narrativas do campo, por outro lado esse empobrecimento acabou por ressaltar o desprezo por essa forma de arte e acabou condenando possíveis abordagens acadêmicas para os quadrinhos:

---

<sup>4</sup> While most parents did not read Wertham’s pedantic book or watch the boring hearings, they could hardly avoid the basic message that filtered through the mass media: Comic books are bad for children.

<sup>5</sup> Comic book creator were painfully aware of the negative publicity generated by Wertham’s crusade and the Senate Subcommittee hearings. Carmine Infantino speaks for many of the comic books creator of the day when he says, “We were ashamed to tell people what we did for a living” (Infantino and Spurlock 39). John Romita told people he was a commercial illustrator, and Stan Lee preferred just to say he was a writer, but when pressed on the issue, referred to himself as a writer of illustrated children’s books. Some of the most talented creators left the field, at least for a time



---

[...] as histórias em quadrinhos perderam o prestígio artístico e, na visão de muitos, acabaram sendo consideradas não mais que um produto de consumo. Assim, não havia a possibilidade de se abordar as histórias em quadrinhos com seriedade acadêmica, sem que isso provocasse comentários estapafúrdios sobre o estudo. (REBLIN, 2015, p.55/56)

Nesse sentido, o desprestígio intelectual sofrido pelas histórias em quadrinhos não tem início no meio acadêmico, e sim é consequência do desprezo cultural. Isso, porque assim como nos demais produtos advindos da cultura de massa, o preconceito contra as histórias em quadrinhos também tem, segundo Nildo Viana (s/d), origens e consequências nas relações provenientes de uma visão racionalista e elitista: racionalista, pois busca o controle das relações sociais, a natureza e a mente humana; elitista, pois os setores mais intelectualizados da sociedade definem seus gostos e valores como superiores e os demais como inferiores, estabelecendo a oposição entre “alta” e “baixa” cultura.

As histórias em quadrinhos, portanto, sofrem uma desvalorização por parte dos setores intelectualizados da sociedade que, por sua vez, possuem o poder de legitimar suas preferências como um ideal social comum. Essa hierarquização, então, funciona como um exercício de poder dos diferentes campos científicos legitimados frente aos que ainda não alcançaram a consagração, como é o caso das histórias em quadrinhos.

Segundo Pierre Bourdieu (2007), em *Método científico e hierarquia social dos objetos*, existe, dentro do campo científico, uma distinção entre os objetos que são considerados nobres e os ignóbeis, ou seja, entre os assuntos que são considerados legítimos e os que são considerados ilegítimos dentro do campo de pesquisa, assim como existem maneira nobres e maneiras ignóbeis de tratá-los. Tais disposições hierárquicas, segundo Bourdieu, afastam os estudiosos dos gêneros, objetos, métodos ou teorias que são considerados indignos em certa ocasião da história. Portanto, essa hierarquia dos objetos legítimos, legitimáveis ou indignos é uma das ferramentas utilizadas de maneira a impor uma censura específica a determinado campo que, considerado pouco independente frente às demandas da classe dominante, pode significar, na verdade, uma censura política a tal campo. (BOURDIEU, 2007, p. 35)

Nesse sentido, Bourdieu (2007) afirma que o que o grupo dominante estabelece como legítimo, ou seja, as coisas que são consideradas boas de dizer e os temas considerados dignos de interesse, funciona como um dos mecanismos ideológicos que

fazem com que objetos e temas interessantes apareçam como desinteressantes ou simplesmente não sejam tratados; e, quando tratados, são de modo envergonhado e desmoralizado. Por isso, o intelectual tem o seu investimento de pesquisa orientado por tal hierarquia dos domínios e dos objetos, buscando oportunidades de lucro, seja ele material ou simbólico.

Mais além, Bourdieu afirma que o pesquisador, sempre em busca de seus próprios interesses intelectuais, sabe e participa do processo de tomada de importância e valor dados ao seu objeto e é pouco provável que ele, consciente ou inconscientemente, não saiba que trabalhos importantes sobre objetos considerados “insignificantes” têm poucas oportunidades de serem valorizados quando comparados com os trabalhos mais insignificantes sobre objetos considerados “importantes”, sempre de acordo com aqueles que interiorizam o sistema de classificação em vigor. E é por isso que

[...] aqueles que abordam os objetos desvalorizados por sua “futilidade” ou sua “indignidade”, como o jornalismo, a moda ou as histórias em quadrinhos, frequentemente esperam de um outro campo, esse mesmo que eles estudam, as gratificações que o campo científico lhes recusa de antemão, e isso não contribui para incliná-los a uma abordagem científica. (BOURDIEU, 2007, p. 36)

O que acontece, portanto, é que dentro do campo científico existe uma hierarquia de valores que está objetivamente inscrita nas práticas e na luta da qual tal hierarquia é objeto de disputa, manifestando-se assim em julgamentos de valor contrários. (BOURDIEU, 2007, p. 38) Tendo em vista que os quadrinhos sofreram com a deslegitimação cultural durante décadas, deslegitimação esta agravada pelo escritos de Wertham e pela criação do CCA, a história em quadrinhos seria exatamente esse campo científico deslegítimo diante dos demais. Esta seria a razão pela qual nós, pesquisadores de quadrinhos, sempre necessitaríamos justificar a escolha por tal objeto de estudo: devido ao desprezo das “elites pensantes” (REBLIN, 2015, p. 58):

[...] o fato é que, durante muito tempo, as histórias em quadrinhos foram desprezadas por quem dominava certos campos científicos, deslegitimando, por sua vez, aqueles pesquisadores que abordavam o tema e exigindo destes um esforço para defender o seu objeto de estudo. E o resultado desta disputa repercutiu na vida social cotidiana, ao influenciar pais, professores e, inclusive, leitores, por meio da publicação e da divulgação midiática das pesquisas científicas hegemônicas. (REBLIN, 2015, p.60)

Nos anos seguintes, os quadrinhos permaneceram no limbo dos objetos de estudo considerados como relevantes dentro das universidades, sofrendo com o preconceito e o repúdio por parte dos acadêmicos do mundo todo. Entretanto, o resultado da soma das críticas dos teóricos anticultura de massa e de Wertham parece estar perdendo força; muitos deles começaram a ser questionados ainda na década de 1960. Por um lado pelos Estudos Culturais ingleses, que reestruturaram a forma de se enxergar a cultura de massa, e pelo outro lado pelo grupo de artistas e intelectuais europeus que começam a se interessar pelo meio, modificando o entendimento do que são histórias em quadrinhos. Os quadrinhos sobreviveram; eles permanecem no meio social e cultural e, é claro, mostram sua resiliência no espaço acadêmico: cresce, a cada dia, o número de pesquisadores que brigam pelo reconhecimento dos quadrinhos como um objeto científico legítimo; essa que vos é um deles.

## REFERÊNCIAS

- BAHIA, Marcio. A legitimação cultural dos quadrinhos e o Programa Nacional Biblioteca da Escola: uma história inacabada. **Revista Educação**, Porto Alegre: v. 35, n.3, p. 340-351, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/11765>>. Acesso em: 17 ago. 2016.
- BEATY, Bart. **Comics versus art**. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press Incorporated, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Fredric Wertham and the critique of mass culture**. Jackson: University Press of Mississippi, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. In **Escritos de Educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). Petrópolis: Vozes, 2007.
- CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos**. 2017. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola e Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2017
- DUNCAN, Randy; SMITH, Mathew J. **The power of comics: history, form and culture**. New York: Bloomsbury, 2009.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios à mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 7. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: espírito do tempo I: neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 10. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- NYE, Russel. **The unembarrassed muse: the popular arts in america**. New York: The Dial Press, 1982.
- REBLIN, Iuri. A sedução do inocente e as suas consequências; O *Comics Code Authority* e o desprestígio acadêmico. In REBLIN, Iuri. **O alienígena e o menino**. Jundiaí, Paco Editorial, 2015. (p. 34-62).
- VIANA, Nildo. O que os quadrinhos dizem? As histórias em quadrinhos são objetos de leitura de um amplo público e como todo fenômeno social, passaram a ser objeto de estudo da Sociologia e de outras ciências. (Reportagem). s/d. Disponível em:

---

<<http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/Edicoes/18/artigo98209-1.asp>> Acesso em: 07 jul. 2016.